

INFORMATIVO **bancário**



bancariosdf.com.br | Brasília, 10 de outubro de 2022 | Edição 1.529



SEU VOTO, SUA DEFESA E SEU DESEJO DE MUDANÇA: UM NOVO PROJETO DE PAÍS ESTÁ AO NOSSO ALCANCE

Temos lutado muito. Nós, bancários e bancárias, de todos os cargos e funções, de todas as áreas dos bancos, sejam públicos ou privados, juntamente com os trabalhadores terceirizados e os estagiários que a nós se somam na labuta diária em **busca do cumprimento de metas abusivas**, sentimos o peso, a dor e a angústia de uma rotina de trabalho extenuante, marcada muitas vezes por assédios criminosos e completo desrespeito aos nossos direitos. **Lutamos incansavelmente contra isso, em defesa da nossa dignidade profissional e da nossa saúde física e mental.**

Além da perversa relação de trabalho e da superexploração, vivenciamos e combatemos heroicamente também as condições precárias e indignas impostas pelos bancos para o atendimento a clientes e usuários. A angústia de enfrentar e conviver com agências abarrotadas e filas intermináveis, com discriminações e cerceamentos, consome ainda mais nossa energia e nosso prazer em trabalhar. Resta a indignação, na trincheira da resistência.

Nos bancos públicos, sobretudo nos federais, BB e Caixa, a par desse quadro geral, enfrentamos um processo de desmonte e de destruição de suas funções públicas. **A privatização, já em curso, marcha para o ponto de não retorno**, para o completo fim dessas instituições construídas e resguardadas pela sociedade como instrumentos do desenvolvimento econômico e social do país. A despeito dessa sanha destruidora e privatista, nossa hercúlea luta em defesa dos bancos públicos os tem preservado, **mas cabe perguntar: até quando?** A fúria do atual governo, como comprovado por seus atos e pronunciamentos, é desmedida.

Descontrolados têm sido também os ataques aos direitos dos trabalhadores, desde o governo Temer, parido pelo golpe parlamentar de 2016. **No atual governo, a política de destruição da CLT e de garantias obtidas pelos trabalhadores em Convenções Coletivas**

foi elevada à potência máxima, sobretudo por meio de medidas provisórias e de resoluções ministeriais. A porteira foi completamente aberta para a terceirização, jornadas de trabalho viraram ficção, assim como o piso para contratações referenciado no salário mínimo e férias de 30 dias. O 13º está entre os alvos a serem atingidos mortalmente.

O fim da jornada de seis horas dos bancários, por pressão dos bancos, já constou entre as medidas propostas em MP para desregulamentação dos direitos dos trabalhadores. **A assistência à saúde** dos funcionários do BB, da Caixa e das demais estatais esteve **seriamente ameaçada** por resolução que desfigurava o modelo de gestão e custeio dos planos de saúde, rumo à privatização. **Entre esses e tantos outros ataques fatais, RESISTIMOS.** Mas, de novo, a pergunta: até quando?

Nossa determinação é seguir resistindo e lutando. Bradando alto: **não passarão.** E é com esse nosso ímpeto de resistir e lutar em defesa de todos os bancários e bancárias, de toda a classe trabalhadora e de toda a sociedade que apontamos como ação concreta, como demonstração de consciência coletiva, **voltar às urnas agora em 30 de outubro e imprimir profunda mudança no posto de comando do país**, para alteração da trágica realidade que está posta e que nos consome e nos infelicitiza.

A alternativa está posta, como também precisa ser certa a nossa decisão, afinal são projetos que se antagonizam. Um impõe o agravamento no ataque e na supressão total dos direitos e o desprezo total da coisa pública, incluindo-se nesse rol os processos de privatização do Banco do Brasil e da Caixa. O outro representa a perspectiva de restabelecer o diálogo como instrumento de concertação de interesses, de revisar ataques consumados aos direitos dos trabalhadores, como as **reformas trabalhista e previdenciária**, de evitar a rapinagem de conquistas, como assaltos aos fundos

de previdência, **o abandono de direitos históricos, como os planos de saúde, bem como os direitos fundamentais** historicamente conquistados pelos bancários e bancárias, como a jornada legal de trabalho e o descanso semanal remunerado aos sábados e domingos.

A categoria bancária sempre foi sábia e **inspiradora de mudanças** corretas no Brasil. Acreditamos que essa mesma esperança continua viva!

Kleyton Morais,
presidente do Sindicato e
funcionário do Banco do Brasil





ELEIÇÃO PRESIDENCIAL: HORA DE SALVAR E FORTALECER O BANCO DO BRASIL PÚBLICO E RENTÁVEL

Com 213 anos, e no mês em que comemora mais um ano de existência, com importante contribuição para o desenvolvimento do país e para os brasileiros, os rumos do Banco do Brasil serão traçados por seus funcionários da ativa, aposentados e terceirizados. Vão decidir se optam pela garantia de resgate da instituição, para retomada de sua função histórica para o desenvolvimento do país e das regiões, impulsionando as atividades econômicas, novos arranjos produtivos indutores de geração de emprego e renda, com respeito e valorização dos trabalhadores, ou se legitimarão o seu desmonte e privatização.

O horizonte da privatização do Banco do Brasil vem sendo perseguido com “venda” de ativos, como a carteira de créditos inadimplidos ao BTG, com as tratativas em curso para privatização da BBTVM (leia artigo no portal bancariosdf.com.br) e com o desmonte do modelo de gestão para ataques sistemáticos aos direitos dos bancários, recrudescimento do assédio moral a partir das tentativas de acabar com três ciclos avaliatórios previstos na GDP, quebra de perspectivas profissionais (Performa) e reestruturações que intensificam e sobrecarregam imensamente os funcionários, ocasionando danos à saúde física e mental.

O receituário cumpre a cartilha de um governo cujo absurdo há muito perdeu a modéstia, na medida em que criou de forma inédita em sua estrutura uma Secretaria Especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados. Ou seja, não há pudor algum na explicitação de seu plano de privatização e destruição do Estado.

Nesta tônica, o BB segue vice-líder na trágica corrida pela desvalorização dos funcionários, ficando atrás apenas do Santander no argumento denominado eficiência operacional, que na prática significa perda de talentos. O ministro da Economia já afirmou que “o Banco do Brasil é um caso pronto para privatização”. E arrematou: “Vamos vender logo a p#r## do BB”.

A fúria privatista do governo segue exacerbada em plena campanha presidencial, mas colocada à margem do debate com a sociedade, tornando turva a visão e o discernimento do eleitorado, mas não a realidade vivenciada pelos trabalhadores dos bancos públicos federais, da Petrobras e das demais estatais. *“Entre nós, bancários e bancárias, o desmonte e o entreguismo deixaram de ser meras ameaças, há muito tempo, e temos plena consciência dos riscos que corremos e de como poderemos ser tragicamente afetados. Mudar o comando do país é imperativo. É hora de nos unirmos, termos plena consciência e assegurar o fim da permanente ameaça de privatização”*, diz o presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, **Kleyton Morais**.

O chamamento do Sindicato aos bancários para mudar a rota traçada pelo atual governo federal para o Banco do Brasil parte da ideia de que não se pode perder a oportunidade do momento, sob pena de não se ter outra e a sociedade brasileira se tornar impotente diante da marcha acelerada em direção ao fim da história de uma instituição financeira pública construída ao longo dos últimos 213 anos. *“É urgente assegurarmos que o BB seja preservado como banco público e seja fortalecido no seu papel histórico de indutor do desenvolvimento econômico e social, com foco em sustentabilidade e também rentabilidade”*, reforça **Kleyton**.



É HORA DE PENSARMOS O BB QUE QUEREMOS!

O Sindicato dos Bancários de Brasília lança campanha entre os funcionários da ativa, aposentados e demais envolvidos no relacionamento com o Banco do Brasil visando estimular debates e proposições para o “BB que queremos – caminhos do desenvolvimento”.

GESTÃO TEMERÁRIA

MPT PEDE QUE EX-PRESIDENTE DA CAIXA PAGUE R\$ 30,5 MILHÕES ÀS VÍTIMAS DE ASSÉDIO SEXUAL

Após três meses das denúncias de assédio sexual e moral contra empregadas da Caixa, e diante do descaso da nova gestão do banco sobre esse assunto, o Ministério Público do Trabalho (MPT) entrou com uma ação, no dia 29 de setembro, contra o ex-presidente Pedro Guimarães, e pede à Justiça que o condene ao pagamento de R\$ 30,5 milhões pelos danos causados às mulheres que sofreram assédio.

A Caixa também é alvo da ação. O MPT pede a condenação da estatal em R\$ 305,3 milhões pela omissão na investigação, e justifica que o pedido da primeira denúncia de assédio sexual contra Guimarães ocorreu em julho de 2019, apenas seis meses após sua posse. O banco, no entanto, não levou a denúncia adiante.

A decisão do MPT está de acordo com as cobranças das entidades representativas dos empregados que reivindicaram agilidade no processo da investigação, punição aos envolvidos e proteção às vítimas. O movimento sindical continua aguardando respostas da Caixa.

CULTURA DO MEDO

Apoiador de primeira hora de Bolsonaro, desde que assumiu a Caixa, Guimarães foi autorizado a promover mudanças drásticas na governança da corporação. Em seu mandato, trocou 105 dos 120 principais executivos da companhia. Na 'busca por resultados', instaurou uma 'cultura do medo' na instituição. Há diretorias em que se trocou dez vezes o responsável pela área. E há área que já está no sexto vice-presidente. Para fazer essas mudanças, bastava não concordar com ele.

De acordo com o MPT, a média anual de afastamentos por doenças mentais aumentou cerca de 27% na gestão Guimarães e a média anual de denúncias de assédio cresceram 303% enquanto ele esteve à frente da estatal.

VÍTIMA DE DESMONTE

Em entrevista, a ex-presidenta da Caixa, Maria Fernanda Coelho, ressalta que esses casos de assédio estão dentro de uma lógica de gestão implementada ao longo de todo o governo Bolsonaro. Segundo ela, "a Caixa é vítima de um desmonte que vem acompanhado de uma cultura extremamente perversa, misógina, patrocinada pelo atual presidente da República".



Maria Fernanda, que presidiu a instituição entre 2006 e 2011, lembrou que, durante os governos do Partido dos Trabalhadores, a Caixa passou por um processo de reestruturação e valorização, tanto da instituição quanto dos funcionários. "Isso nos possibilitou atuar na redução das desigualdades regionais e intrarregionais, na inclusão bancária da população, na democratização do acesso ao crédito tanto para as famílias quanto para as empresas e, em momentos de crise, como a gente viu em 2008, numa política anticíclica", pontuou.

APÓS DESCUMPRIR PROMESSA, REELEIÇÃO DE IBANEIS VOLTA A ACENDER ALERTA SOBRE FUTURO DO BRB PÚBLICO

A reeleição do governador Ibaneis Rocha (MDB) voltou a acender o sinal de alerta entre os trabalhadores sobre o futuro das estatais do DF, aí incluído o BRB. Isso porque cumprir promessas de campanha não é o forte do chefe do executivo local, alinhado de primeira ordem do governo entreguista de Bolsonaro.

Apenas três dias após confirmada a sua vitória em primeiro turno, Ibaneis afirmou, em entrevista ao Bom Dia DF, da TV Globo, que mantém a intenção de conceder o Metrô à iniciativa privada. E disse que a atuação do Tribunal de Contas do DF tem "atrapalhado" o governo.

Não podemos nos esquecer que ainda na primeira campanha eleitoral Ibaneis garantiu que não venderia as estatais do DF, se comprometendo por escrito inclusive. No entanto, como na prática a teoria é outra, após assumir o governo, as ameaças de privatização estavam sempre rondando - até que o GDF atingiu o primeiro alvo, a CEB.

Não demorou muito para que o BRB também entrasse na mira. Em dezembro de 2020, em plena pandemia, a mando do GDF, o Conselho de Administração do banco autorizou o início dos estudos visando a realização de "follow-on", ou seja, o banco colocar à venda ações, podendo mudar o perfil do controle acionário.

São medidas que demonstram a desfaçatez e falta de compromisso de Ibaneis e a incapacidade do governador de lidar com problemas e desgastes, buscando uma alternativa instantânea de curtíssimo prazo, sem levar em consideração os efeitos a longo prazo e os impactos sociais gerados por medidas como a privatização de empresas públicas que peritem a toda a sociedade do DF, apenas para atender os interesses do mercado, que só visa o lucro.

TRABALHADORES PODEM BARRAR SANHA PRIVATISTA

O alinhamento ideológico entre Ibaneis e o governo Bolsonaro facilitou em muito para que se avançasse no DF o projeto privatista. Em menos de 4 anos, Bolsonaro vendeu 36% das estatais controladas pela União, algumas em setores estratégicos, como a Eletrobras e subsidiárias da Petrobras, o que influenciou sobremaneira na decisão do governo local de também vender o patrimônio público.

Por isso, o Sindicato chama a atenção da categoria na hora de decidir sobre que projeto de nação escolher na hora do voto. A escolha de um programa de governo comprometido com os direitos dos trabalhadores e as causas sociais é fundamental para barrar retrocessos. Prova disso é que durante o governo Arruda, quando Lula ocupava a Presidência da República, o GDF, por conta do cenário nacional desfavorável, não conseguiu levar adiante seu alardeado desejo de entregar o Banco do Brasília para os grandes banqueiros, somente prevalecendo à época a ideia de incorporação da instituição pelo Banco do Brasil, o que seria infinitamente diferente do que vender para um banco privado.

Em face da importância crucial da qual se reveste a eleição do próximo dia 30 para o futuro do país e nosso futuro enquanto trabalhadores assalariados, é de extrema importância refletir bem sobre o voto, pois o arrependimento tardio não mudará a realidade.



SANTANDER INSISTE EM PROCESSO DE TERCEIRIZAÇÃO. BANCÁRIOS RETARDAM ABERTURA DE AGÊNCIAS EM PROTESTO

A sexta-feira (7) começou com protesto nas agências do Santander em Brasília. Contra as tentativas reiteradas do banco espanhol em retirar direitos dos trabalhadores, impondo unilateralmente mudanças na relação de trabalho e nos direitos assegurados na Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), as agências tiveram suas aberturas retardadas. Na próxima terça (11), os bancários do Santander têm assembleia marcada para decidir sobre as arbitrariedades do banco.

Na porta das agências, bancários e diretores das entidades representativas dialogaram com clientes e usuários, contextualizando sobre o desrespeito do Santander direcionado àqueles que viabilizam, por exemplo, o lucro de R\$ 8 bilhões da instituição só no primeiro semestre deste ano. Os trabalhadores contextualizaram ainda o protesto aos ataques à PLR, à jornada de trabalho, aos auxílios e demais direitos conquistados e pactuados em mesa de negociação, que hoje são desconsiderados

pela gestão do banco.

“A mobilização está posta contra as arbitrariedades e os claros objetivos do Santander, que se une às intenções do atual governo em promover a precarização das relações trabalhistas, em todos os níveis. Contudo, nós vamos resistir, com a força dos bancários”, afirma **Elizabeth Araújo**, diretora da Fetec-CUT/CN e funcionária do Santander.

Presidente do Sindicato, **Kleyton Moraes** pontua que já há um histórico de ataques aos direitos dos trabalhadores por parte do banco. “A mobilização aqui é contra a tirania do Santander, que tem insistido no processo de destruição e precarização de direitos. É importante destacar que o banco tem se comportado de forma a descumprir os acordos coletivos e processos negociais, avançando em todas as direções para suprimir os direitos dos trabalhadores”, alerta o dirigente.

Em coro, bancários e bancárias do Santander exigiram respeito do banco e o cumprimento dos acordos firmados.



DIREITOS DA CATEGORIA: SINDICATO SEGUE VIGILANTE

A luta contra a terceirização é uma das frentes de mobilização do Sindicato em defesa dos bancários, que tiveram atacados pelo governo Bolsonaro a sua jornada, as horas extras e o descanso aos finais de semana.

A possibilidade de abertura das agências bancárias aos sábados e domingos, a propósito, já foi aventada diversas vezes no Congresso, tanto por meio de projetos de lei, como o PLS 203/2017, quanto por medidas provisórias (MP 881/2019 e MP 905/2019) encaminhadas pelo governo Bolsonaro, e foi derrubada graças à pressão dos trabalhadores e seus representantes sindicais.

Com o cenário que está posto nessas eleições, o Sindicato chama os bancários à reflexão. Defende que a categoria analise as propostas colocadas pelos candidatos na disputa à Presidência da República – fazendo inclusive uma comparação entre os governos -, e escolha de forma consciente o projeto que representa os interesses da classe trabalhadora e da população brasileira.



BANCÁRIOS KIDS CELEBRA DIA DAS CRIANÇAS NO DIA 22, NA ABB. INSCREVA-SE PELO QR CODE



EXPEDIENTE

INFORMATIVO **bancário**



bancariosdf.com.br



Presidente Kleyton Moraes | Secretária de Imprensa Fabiana Uehara | Conselho Editorial Kleyton Moraes (BB), Antônio Abdan (Caixa), Edson Ivo (BRB) e Washington Henrique (Bancos Privados) | Editor Renato Alves | Redação Joanna Alves, Mariluce Fernandes e Evando Peixoto (colaboração) | Diagramação Caio César Reis | Sede SHCS EQ 314/315 Bloco A, Asa Sul, CEP 70383-400 | Contatos (61) 3262-9090 – imprensa@bancariosdf.com.br | Tiragem 10.000 | Distribuição gratuita | Todas as opiniões emitidas neste informativo são de responsabilidade da diretoria do SEEB-DF